

LIEV TOLSTÓI RESSURREIÇÃO

TRADUÇÃO DO RUSSO REVISTA E APRESENTAÇÃO
Rubens Figueiredo

PREFÁCIO
Natalia Ginzburg

COMPANHIA DAS LETRAS

APRESENTAÇÃO

Rubens Figueiredo

A ideia de *Ressurreição* veio a Tolstói em junho de 1887, a partir de uma conversa com o jurista e escritor russo Anatóli Fiódorovitch Kóni. Curiosamente, tratava-se do mesmo Kóni que, anos antes, fornecera a Dostoiévski informações sobre casos de justiça criminal, mais tarde aproveitados no romance *Irmãos Karamázov*. Dessa vez, em visita a Iásnaia Poliana, a propriedade rural de Tolstói, Anatóli Kóni comentou com o escritor o caso de um jovem da nobreza que viera solicitar seus serviços de advocacia. Convocado para integrar um júri, o jovem aristocrata espantou-se ao reconhecer na acusada uma criada a quem ele mesmo havia engravidado, anos antes, na propriedade de uma tia. Expulsa de casa pela patroa, a jovem tornou-se prostituta, até ser presa, acusada de roubo. Com remorsos, o homem propôs-se a ajudá-la e casar-se com ela. A jovem, porém, morreu de tifo no presídio, pouco depois de condenada.

Assim que ouviu o relato de Kóni, Tolstói emocionou-se: ele mesmo, na adolescência, tivera um caso com uma jovem criada na fazenda de uma parente; ele mesmo, quando solteiro, tivera um filho com uma camponesa. Tolstói pediu várias vezes a Kóni que redigisse um relato do caso para divulgá-lo. No ano seguinte,

Kóni ainda não havia apresentado o texto e Tolstói pediu então que ele o autorizasse a usar a história, o que Kóni prontamente concedeu.

Todavia, só no final de 1889 Tolstói começou a esboçar o que denominou de “A história de Kóni”. Pouco depois, atraído por outros interesses, interrompeu o trabalho. Cinco anos depois, retomou-o durante alguns meses. Interrompeu-o novamente, para enfim voltar ao livro em 1898, movido dessa vez por uma circunstância única que, daí em diante, se tornou essencial para o entendimento de *Ressurreição*.

Em 1895, a Rússia agitou-se em torno do que se passava com um grupo de cristãos chamados de *dukhobóri* — em russo, “lutadores do espírito”. Surgida no século XVII, a seita pregava ideias simpáticas a Tolstói. A negação da propriedade, do governo, do Estado, do dinheiro, da Igreja e da Bíblia como fonte única de revelação se somavam ao pacifismo. Praticavam um estilo de vida comunitário e igualitário. Recusavam-se a ter documentos e a servir o Exército. A comunidade já fora banida duas vezes para regiões remotas da Rússia, por dois tsares.

Aconteceu que, em 1894, ao assumir o trono, Nicolau II exigiu de seus súditos um juramento de lealdade, e os *dukhobóri* se negaram a fazê-lo. Logo em seguida, negaram-se também a cumprir a ordem de alistamento militar. Alguns jovens *dukhobóri* foram presos e banidos. Em protesto, no Cáucaso, milhares de *dukhobóri* queimaram todas as armas que ainda possuíam — facas, espadas, pistolas, rifles, usados na sua defesa contra os montanheses nômades.

As autoridades enviaram soldados para sufocar o que foi entendido como uma rebelião. As terras dos *dukhobóri* foram confiscadas, suas casas, saqueadas, cerca de 7 mil pessoas foram banidas para aldeias remotas nas montanhas e seus líderes foram presos.

Tolstói já conhecia os *dukhobóri* e mantinha contato com eles. Ao saber de tais fatos, tomou providências para que fosse divulgada no *Times*, de Londres, uma denúncia, na forma de um artigo, redigido por seu amigo Biriukóv, mas publicado anonimamente. Pouco depois, ao saber que quatrocentos *dukhobóri* haviam morrido nas montanhas para onde tinham sido banidos, Tolstói lançou um manifesto, seguido por um breve texto assinado. Em numerosas cópias feitas à mão e à máquina, o manifesto foi amplamente divulgado e encaminhado às principais figuras do governo.

Em resposta, a polícia invadiu a casa dos amigos de Tolstói e confiscou todos os documentos e textos ali encontrados. Biriukóv foi banido para uma aldeia distante. Tchertkóv, o braço direito de Tolstói, foi forçado a sair do país. Além disso, Pobedonóstsev, procurador-geral do Santo Sínodo, órgão mais poderoso do governo imperial, na prática o chefe de toda a Igreja ortodoxa russa, responsável pela propaganda monarquista e pela repressão aos opositores do regime, recomendou ao tsar que ordenasse a prisão de Tolstói num convento isolado. Nicolau II, porém, ciente da popularidade do escritor, temia prender Tolstói, cujos movimentos, em sua fazenda e até dentro de casa, eram vigiados por espiões.

Daí em diante, Tolstói tornou mais acerba sua campanha em defesa dos *dukhobóri*, e também de outros grupos perseguidos por Pobedonóstsev. Como, por exemplo, os chamados *molokáni*, cujos filhos, nessa mesma ocasião, foram recolhidos pelo governo e afastados dos pais, para não sofrerem a influência da sua doutrina, que não reconhecia o direito de o tsar governar. Tolstói encaminhou duas cartas de protesto ao tsar, sem obter resposta. Depois, conseguiu que sua filha tivesse um encontro com Pobedonóstsev para tratar do assunto e, em seguida, de fato, os filhos dos *molokáni* foram devolvidos aos seus pais. O leitor encontrará ecos desse episódio no capítulo XXVII da parte II de *Ressurreição*.

Nessa altura, Tchertkóv, o companheiro de Tolstói exilado em Londres, conseguiu apoio dos quakers para a causa dos *dukhobóri*. Surgiu a ideia de transportar milhares de *dukhobóri* para fora da Rússia. O Canadá aceitou recebê-los numa área despovoada. O governo tsarista autorizou a emigração. Faltava, no entanto, levantar o dinheiro necessário para o transporte e a instalação dos *dukhobóri* em suas novas terras. Tolstói lançou uma campanha para levantar fundos, redigiu cartas para pessoas ricas, solicitou doações e as obteve. Mas não eram suficientes. Restava ainda um recurso.

Anos antes, Tolstói havia renunciado aos direitos autorais de suas obras posteriores a 1881, ano que para ele marcava uma importante transformação de consciência. Portanto seus livros eram publicados livremente, em muitos países. Além disso, na Rússia, por conta da censura, alguns de seus textos tinham de ser divulgados em cópias feitas à mão ou mimeografadas, ou eram

impressos no exterior e contrabandeados para o país. Dessa vez, no entanto, Tolstói resolveu negociar os direitos autorais de algum livro que ainda estivesse em andamento e obter por eles o valor mais alto possível, em benefício dos *dukhobóri*. Era o ano de 1898.

De início, retomou o projeto da novela *Padre Siérgui*. Uma vez concluída, no entanto, Tolstói se viu tolhido por dúvidas. Em parte calcado nos contos populares de vidas de santos, *Padre Siérgui* é um dos seus relatos mais impressionantes. Tem uma força sombria e perturbadora, em conflito com a simplicidade da forma. Embaraçado, Tolstói guardou a novela numa gaveta, de onde só saiu para ser publicada após sua morte. A outra obra que tinha à mão era *Ressurreição*. O escritor logo se deu conta de que o tema do romance era mais apropriado à finalidade em vista, e lançou-se ao trabalho. Empolgou-se com os primeiros resultados e escreveu a um amigo: “Estou tão absorvido por *Ressurreição* que não consigo pensar em mais nada, dia e noite”.

Os direitos autorais foram negociados com editoras de vários países por valores altíssimos. Na Rússia, o romance começou a ser publicado em fascículos, em março de 1899, na revista *Niva*. Com a ajuda do dinheiro arrecadado, cerca de 10 mil *dukhobóri* foram embarcados em navios para o Canadá, onde sua comunidade existe até hoje. Os que permaneceram em território russo conseguiram manter viva sua comunidade, que ainda perdura. Em 1999, os *dukhobóri* celebraram o centenário da sua emigração, e Tolstói e o romance *Ressurreição* foram homenageados.

Outras circunstâncias da publicação do romance precisam ser mencionadas aqui. Como Tolstói havia aberto mão de seus direitos autorais, as editoras de numerosos países já estavam habituadas a imprimir livremente seus escritos. Por isso, *Ressurreição* teve, só na Alemanha, doze traduções além da oficial; na França, o livro teve quinze edições distintas. Isso em apenas dois anos. As traduções, por seu turno, se permitiram estranhas liberdades com o original. A edição feita nos Estados Unidos cortou ou atenuou em muito as cenas de amor, que podiam parecer ofensivas por seu teor erótico. Já na França os editores acharam que as cenas de amor eram pouco frequentes e não se constrangeram em inserir novas situações em que o casal de protagonistas aparecia junto. Na Rússia, os cortes da censura foram numerosos. Uma versão completa e fidedigna do romance só foi publicada em 1936, com o texto reconstituído pelos filólogos soviéticos que prepararam a edição das *Obras completas* de Tolstói em noventa volumes

Para a dificuldade desse trabalho concorreu também a tenacidade com que Tolstói corrigia seus originais até o último instante. Há seis redações completas de *Ressurreição*. Há pelo menos vinte variantes da descrição física inicial da protagonista Katiucha. O início teve numerosas versões, até se chegar à definitiva. Os manuscritos de Tolstói eram passados a limpo pela esposa e pelas filhas. Depois eram novamente refeitos por ele e repassados a limpo, operação que podia se repetir ainda várias vezes. Quando chegavam as provas da gráfica, ele as emendava e as expandia com sua caligrafia difícil, que às vezes só seus familiares entendiam. Na ânsia de ser exato e de aproveitar ao

máximo o potencial que sentia no romance, Tolstói às vezes preenchia todos os espaços em branco das provas tipográficas. Chegava a escrever no verso das folhas e reduzia sua letra de tal modo que era preciso usar lupa para entendê-la. Aos setenta anos, trabalhava num ritmo exaustivo, sob a pressão dos prazos da revista com a qual havia negociado a primeira publicação do romance e também das datas de embarque dos *dukhobóri*.

A preocupação de levantar informações precisas para compor o romance levou Tolstói a frequentar tribunais, conhecer juízes e juristas, investigar os meandros da burocracia judiciária. Graças à ajuda de amigos influentes no governo, o escritor visitou prisões distantes, entrevistou prisioneiros, acumulou informações sobre as condições em que os presos viviam e eram transportados para a Sibéria. Em suas pesquisas, estudou tratados de direito e artigos sobre o sistema penitenciário, além de ler pelo menos seis livros sobre prostituição.

O protagonista de *Ressurreição* tem alguns traços do próprio autor. Seu nome, Nekhliúdob, é o mesmo do herói de um conto escrito quando Tolstói era muito jovem: “Manhã de um senhor de terras”, em parte, também um autorretrato. A protagonista Katiucha, provavelmente, foi composta a partir das memórias da criada pela qual Tolstói se apaixonara na mocidade. Pois a esposa do escritor registrou no seu diário a indignação que sentiu ao passar a limpo as cenas mais ardentes entre ambos.

Eu sofro ao ver como um homem de setenta anos descreve as relações pecaminosas entre o oficial e a jovem criada com o prazer de um gastrônomo que saboreia um petisco. Ele mesmo me contou que nessa cena descreve suas intimidades com uma criada da sua irmã.

Outro personagem que vale a pena mencionar é o do influente político Toporóv, presente na segunda parte do romance. Em Toporóv — cujo nome deriva da palavra russa *topór*, “machado” —, Tolstói faz um retrato implacável de Pobedonóstsev. Não admira portanto que, um ano depois da publicação de *Ressurreição*, Tolstói tenha sido excomungado pela Igreja ortodoxa, condição, aliás, que vigora até hoje. Para se ter uma ideia do clima na época, vale a pena frisar que o mesmo Pobedonóstsev se tornara, tempos antes, objeto da admiração de Dostoiévski, que em seus últimos anos de vida via nele “a única pessoa na Rússia capaz de barrar o caminho da revolução”.

Em comparação com seus dois grandes romances anteriores — *Guerra e paz* (da década de 1860) e *Anna Kariênina* (da década de 1870) —, *Ressurreição* parte de uma estrutura e de um conceito distintos. O romance focaliza o sistema judiciário e prisional, um cenário e um contingente humano diferentes dos que encontramos nos romances anteriores. Vista desse ângulo, a sociedade deixa a nu o sentido da repressão judicial e sua relação com os privilégios da classe dominante.

Tanto *Guerra e paz* como *Anna Kariênina* são construídos com base em dípticos: quadros contrapostos em pares, que por sua vez se articulam em linhas narrativas paralelas. Trata-se de estruturas complexas, ordenadas em paralelismos e contrastes: dois casais, duas famílias, dois generais, dois amigos, duas capitais, o campo e a cidade etc. São pares que se desdobram e se refletem.

Ressurreição, em lugar de contrastes e paralelos, mergulha em um conflito aberto e frontal. Em vez de quadros contrapostos, a composição de *Ressurreição* avança, se não em linha reta, pelo

menos numa direção única, num impulso que faz tudo convergir, em intensidade crescente, rumo ao âmago das contradições sociais que se manifestam em cada episódio e rumo ao centro do conflito de consciência que acompanha todo o relato. O protagonista é levado para muito além da sua esfera habitual de vida, para um mundo de todo desconhecido para ele, onde sua consciência é desafiada a cada passo.

Os procedimentos de linguagem também diferem. São um pouco mais raras as repetições de palavras e de expressões, que caracterizam os romances anteriores. O gosto pelos períodos complexos também se mostra mais contido. Em troca, Tolstói reforça, em *Ressurreição*, a tendência à linguagem brusca, direta, sem adornos, já perceptível em *Anna Kariênina* e que depois se acentuou em *A morte de Ivan Ilitch* (1886) e *Sonata a Kreutzer* (1890). Têm largo curso, agora, as guinadas abruptas da sintaxe, as elipses. As passagens expositivas dispõem os argumentos como que a marteladas e prevalece a preocupação em ir direto ao ponto. Além disso, há mais emprego de linguagem informal, popular e até chula.

As diferenças de construção e de linguagem que se verificam nos três romances traduzem de forma significativa o aprofundamento da visão crítica de Tolstói. A ordem capitalista, em *Ressurreição*, se apresenta como algo acabado, mecânico, preso à eficácia de sua própria brutalidade. Não há espaço para ilusões quanto a acordos entre os privilegiados e os subalternos. A esfera familiar e o amor não podem representar uma proteção ou uma válvula de escape. A arte, a ciência e os refinamentos de civilização praticados na alta sociedade revelam-se cúmplices da

perseguição de uma grande massa humana. Isso está bem claro nas páginas de *Ressurreição*. Todavia algo estranho sucedeu com o romance.

Em toda a vida de Tolstói, *Ressurreição* foi seu livro de maior repercussão. No correr do século XX, porém, o romance tornou-se alvo de objeções cada vez mais repetidas, criticado como uma obra que pagava um preço alto demais às supostas intenções doutrinárias do autor. Tachado de romance de tese, *Ressurreição* adquiriu uma fama desprestigiada. O livro foi rapidamente encoberto por uma imagem incompatível com as noções dominantes sobre literatura no século XX. Isso eximiu muitos de lerem a obra.

Estabeleceu-se o conceito de que *Ressurreição* se prestava, acima de tudo, a difundir as ideias evangélicas de Tolstói. É o que encontramos repetido nas referências enciclopédicas e críticas. No entanto, quando lemos hoje *Ressurreição* — em sua forma integral e num texto fidedigno, como esta tradução se empenha em oferecer —, tal equívoco chega a espantar. Exceto por algumas frases avulsas, só nas últimas páginas do livro o texto entra no terreno religioso. Mesmo assim, o faz por uma via antidogmática por excelência: um trecho do Evangelho é reescrito e corrigido, sem a menor cerimônia, para fins de maior precisão. Além disso, naquelas emendas, o assunto em pauta — realçado pela cena imediatamente anterior, passada no necrotério de um presídio — nada tem de abstrato, genérico ou atemporal. A religião, tal como se apresenta ali, pouco ou nada tem de sobrenatural. A própria fé, por sua vez, é francamente desafiada pela crua imagem da morte.

Em troca, nas centenas de páginas anteriores, o romance pinta um quadro inequívoco de uma sociedade sob a pressão da expansão capitalista. A crítica desce aos fundamentos humanísticos desse processo, desmascarados em face do significado do sistema judiciário e prisional, que se revela aos poucos ante os olhos atônitos do herói. Qual é o sentido da justiça? — indaga a Nekhliúdob o seu cunhado, um alto funcionário da justiça. “A manutenção dos interesses de uma classe”, responde Nekhliúdob. “O tribunal é apenas um instrumento administrativo para a manutenção do estado de coisas vigente, vantajoso para a nossa classe” (segunda parte, capítulo XXXIII). A ideia viera a Nekhliúdob pouco antes e ele hesitava em acreditar: “Não era possível que um fenômeno tão complexo tivesse uma explicação tão simples e terrível, não era possível que todas aquelas palavras sobre a justiça, o bem, a lei, a fé, Deus etc. fossem apenas palavras e encobrissem a crueldade e o egoísmo mais grosseiro” (segunda parte, capítulo XXVII).

É esse questionamento de teor social e histórico, sempre num tom problemático e de consciência atormentada, que predomina em *Ressurreição*. Menos peso têm as noções morais, e menos ainda as questões religiosas. Só resta supor que a reputação de um romance de tese e de cunho evangélico foi útil no curso das polêmicas do século XX, a fim de desviar a potência crítica que o livro contém. Lido hoje, à luz do que presenciamos em nosso tempo, mais de cem anos após ter sido escrito, *Ressurreição* parece erguer a voz com bastante pertinência, reforçada pelas formas e pelos conteúdos novos que a história, em vez de lhe tirar, lhe acrescentou.

PREFÁCIO A *RESSURREIÇÃO*, DE LIEV TOLSTÓI*

Natalia Ginzburg

A história das personagens de Tolstói é sempre a história da descoberta e da compreensão de uma realidade: que se revela rica e violenta e acidentada e complexa, dolorida e generosa e sangrenta como os olhos da fantasia não souberam imaginá-la. Pode-se objetar que a história de uma personagem romanesca é sempre isto e nada mais que isto: descoberta e compreensão de uma realidade. Porém, nos romances de Tolstói, descoberta e compreensão se desenvolvem e crescem quase sob nossos olhos, num ritmo de festa solene; e cada romance, cada destino de cada personagem se encerra numa festiva e solene celebração da realidade. A tela que separa o homem da realidade pode ser a ingenuidade dos ideais juvenis ou o cinismo e o ócio de uma vida fútil, irresoluta e irresponsável: rasgada a tela, a realidade se mostra com o seu rosto humilde, despojado, incomensurável — e há os que desviem o olhar, vencidos por assombro ou asco; e há quem supere o asco e o assombro e acolha o verdadeiro em sua plenitude, celebrando festivamente dentro de si a consumação do próprio destino. A realidade pode ser a guerra ou a felicidade conjugal ou a morte. A realidade é a guerra para o jovem Nicolai Rostóv, que, no campo de batalha, a descobre tão distante de seus

sonhos heroicos, tão humilde, tão simples e tão complicada, incoerente e mortal. A realidade é a morte para Natacha, quando a vislumbra no rosto belo e frio do príncipe Andrei, a quem já é inútil pedir perdão; e o próprio príncipe Andrei já havia contemplado um dia a mesma realidade da morte no rosto contraído e pueril de sua primeira mulher. A realidade é a paixão culpada e o adultério para Anna Kariênina, que não sabe aceitar a própria culpa e carregar seu peso, nem libertar-se dela e se salvar; vencida por assombro e asco, deixa-se ir à deriva do banquinho de uma estação, à espera de um trem qualquer que venha aniquilá-la, desviando o olhar das águas confusas e turvas da própria consciência, morrendo por tormento e asco. A realidade é o mundo dos transviados e dos renegados para o príncipe Nekhliúdiv, de *Ressurreição*, que certo dia, na sala de um tribunal, durante um processo por homicídio, reconhece na acusada uma prostituta de olhos estrábicos, a pequena serva rural Katiucha, que ele outrora amara, seduzira e abandonara. A lembrança do breve idílio, gentil e terno, e depois da culpa e dos cem rublos deixados sumariamente à jovem assustada, ressurgem bruscamente na alma de Nekhliúdiv, cujo temperamento ingênuo e férvido se recobriria, com o passar dos anos, de indiferença e de cinismo: e surge nele o desejo de desposar Máslova e fazer voltar a seu rosto transfigurado pelo vício a expressão pura e gentil de antigamente. Mas isso não passa de sonho, e a realidade que Nekhliúdiv vai conhecendo dia a dia, na execução de seu propósito, está tão distante de seus sonhos quanto a verdadeira guerra se distancia do sonho glorioso do hussardo Nikolai Rostóv: a realidade mortifica os sonhos, até que

se compreenda seu significado e se aprenda a aceitá-la e a amá-la assim como nos é dada, e seu sopro corroborante e benéfico disperse toda nossa fútil mortificação. Nekhliúdob quer se casar com Máslova, e Máslova a princípio não parece reconhecê-lo, depois o injuria, depois tenta agradá-lo com os meios ingênuos a que seu ofício a habituou; ele quer dar suas terras aos camponeses, mas os camponeses não compreendem nem ficam alegres, suspeitam que naquela doação haja um novo sistema cogitado pelo patrão a fim de explorar ainda mais seu trabalho: isso porque tanto Katiucha quanto os camponeses, em sua imensa miséria, não entendem a linguagem da solidariedade e da misericórdia. Mas Nekhliúdob não desiste de sua determinação, e Máslova, condenada a trabalhos forçados na Sibéria — para onde ele vai atrás dela —, reencontrará pouco a pouco, se não a expressão gentil e serena da juventude, ao menos uma dignidade humana; enquanto isso, Nekhliúdob fará de tudo para tornar a pena menos dura e para amparar e defender tantos outros desventurados como ela, transviados e renegados pela sociedade, daquele mundo de poderosos do qual Nekhliúdob fez parte por tantos anos, e que decide sobre a sorte humana sem caridade nem justiça, alheio à realidade como é, governado por leis absurdas, fúteis e minuciosas.

Ressurreição é o romance da velhice de Tolstói, e nos parece bem distante de possuir a felicidade poética de *Anna Kariênina* ou de *Guerra e paz*, mas mesmo assim é um livro dotado de uma força representativa extraordinária, uma planta um pouco esmaecida, mas ainda rica de linfa. Seu vício poético está na personagem de Nekhliúdob, que avança muito rapidamente e

quase de modo mecânico pelas vias da redenção; entretanto Máslova é viva e inesquecível, seja quando a vemos no início das recordações do idílio, seja quando corre desesperada atrás do trem onde Nekhliúdob se senta entre outros oficiais, esquecido dela e sem saber que lhe dera um filho, seja quando surge faminta e perdida na sala do tribunal, ouvindo a esquálida história do mercador assassinado. E são vivas inumeráveis figuras que Nekhliúdob encontra em seu caminho: a jovem envenenadora Fedóssia, que agora fez as pazes com o marido e nem mais sabe por que, num dia já remoto, tentou matá-lo, não sabe mais por quê, e o ama, e ele a ama e a acompanha à Sibéria; e o suave diretor da penitenciária, atordado pelo piano da filha; e o velho da balsa, que prega sua fé soberba. A felicidade poética ilumina páginas e páginas deste livro, se acende e se atenua, a realidade descoberta e conhecida adquire em intervalos aquele seu ritmo alegre e solene, mas a história da descoberta e da compreensão se desenvolve num plano demasiado voluntarista, determinado de modo muito evidente. No entanto, mesmo este romance “menor” de Tolstói sobrevive ao tempo, e não apenas como representação de uma época e de uma sociedade. Ele é, sim, um grande quadro da Rússia às vésperas da revolução; mas não é somente isso, e a história de Nekhliúdob e de Máslova é uma história que comove e fascina, a despeito daqueles vícios criativos que continuamente a ofuscam. E o próprio Nekhliúdob se depara, por fim, com sua patética verdade: quando, ao saber que Máslova obtivera o perdão, de repente vê o casamento com ela não mais como um dever a cumprir, mas algo que atemoriza e que poderia até trazer felicidade; entretanto Máslova recusa o matrimônio, e

ele fica só, fixando sua desmesurada realidade. “Tudo o que lhe aconteceu dali em diante ganhou para ele um significado inteiramente distinto do anterior.”

* Texto traduzido por Maurício Santana Dias e publicado na revista *serrote* (São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 5, jul. 2010). [N. E.]

Então Pedro, chegando-se a ele, perguntou-lhe: “Senhor, quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?”. Jesus respondeu-lhe: “Não te digo até sete, mas até setenta e sete vezes”.

Mateus 18,21-22

Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão quando não percebes a trave que está no teu?

Mateus 7,3

Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra.

João 8,7

Não existe discípulo superior ao mestre; todo discípulo perfeito deverá ser como o mestre.

Lucas 6,40

PARTE UM



I

Por mais que aquelas centenas de milhares de pessoas amontoadas num espaço pequeno se empenhassem em estropiar a terra sobre a qual se comprimiam, por mais que atravancassem a terra com pedras para que nela nada crescesse, por mais que arrancassem qualquer capinzinho que conseguisse abrir caminho para brotar, por mais que enfumaçassem o ar com carvão e petróleo, por mais que cortassem árvores e expulsassem todos os animais e os pássaros — a primavera era a primavera, mesmo na cidade. O sol aquecia, a relva crescia, reanimando-se, e reverdejava em toda parte onde não fora arrancada, não só nos gramados dos bulevares, mas também entre as lajes de pedra, e as bétulas, os álamos, as cerejeiras desdobravam suas folhas viscosas e aromáticas, as tílias estufavam os brotos, que rebentavam; as gralhas, os pardais e os pombos, na alegria da primavera, já preparavam os ninhos e as moscas zumbiam junto às paredes, aquecidas pelo sol. Também estavam alegres as plantas, as aves, os insetos, as crianças. Mas as pessoas — as pessoas crescidas, adultas — não paravam de enganar e atormentar a si mesmas e umas às outras. Achavam que o sagrado e o importante não era aquela manhã de primavera, não era aquela beleza do mundo de Deus, concedida para o bem de todos os seres — beleza que predispunha para a paz, a concórdia e o

amor —, mas sim que o sagrado e o importante era aquilo que elas mesmas inventaram a fim de dominarem umas às outras.

Assim, na secretaria da prisão provincial, considerava-se que o sagrado e o importante não era que o enternecimento e a alegria da primavera fossem dados a todos os animais e a todas as pessoas, considerava-se que o sagrado e o importante era uma folha de papel recebida na véspera, com número, sinete e cabeçalho, determinando que às nove horas da manhã do dia 28 de abril fossem conduzidos para prestar depoimento três detentos que respondiam a processo na prisão — duas mulheres e um homem. Uma dessas mulheres, tida como a criminosa mais importante, devia ser levada separadamente. E portanto, no cumprimento dessa prescrição, no dia 28 de abril, no corredor escuro e fétido da ala feminina, às oito horas da manhã, entrou o carcereiro-chefe. Atrás dele, entrou no corredor uma mulher com o rosto extenuado, cabelos crespos e grisalhos, vestindo uma blusa com galões bordados nas mangas, cingida na cintura por um friso azul. Era a carcereira.

— O senhor veio buscar Máslova? — perguntou ela, enquanto, junto com o carcereiro em serviço, caminhava na direção da porta de uma das celas que davam para o corredor.

O carcereiro, fazendo retinir os ferros com estrépito, abriu a fechadura e, após escancarar a porta da cela, da qual jorrou um ar ainda mais fétido que o do corredor, berrou:

— Máslova, para o tribunal! — e encostou de novo a porta, enquanto esperava.

Até no pátio da prisão havia um ar fresco e vivificante que vinha dos campos, trazido à cidade pelo vento. Mas no corredor

havia um ar devastador, impregnado de tifo, de cheiro de fezes, alcatrão e mofo, que no mesmo instante levava ao desânimo e à tristeza qualquer pessoa que ali chegasse. Foi o que experimentou a própria carcereira ao chegar ali, vinda do pátio, apesar de estar habituada ao cheiro ruim. De repente, quando entrou no corredor, ela sentiu um cansaço e teve vontade de dormir.

Na cela, ouviu-se um rebuliço: vozes de mulher e passos de pés descalços.

— Vamos lá, ande logo, Máslova, mexa-se, já falei! — gritou o carcereiro-chefe na porta da cela.

Uns dois minutos depois, a passos firmes, saiu pela porta uma jovem baixa, de peito farto, virou-se depressa e ficou ao lado do carcereiro; vestia um roupão cinzento, blusa e saia brancas. Nos pés da mulher, havia meias de malha e, por cima das meias, botinas de presídio, sua cabeça estava envolta por um lenço branco, sob o qual, obviamente de propósito, pendiam soltos uns cachinhos dos cabelos crespos e pretos. Todo o rosto da mulher tinha a brancura peculiar do rosto das pessoas que passaram muito tempo encarceradas, uma brancura que lembra os brotos de batata guardados num porão. Também assim eram as mãos largas e pequenas e o pescoço branco e grosso, que se via por trás da gola grande do roupão. Impressionavam no rosto, sobretudo na palidez opaca do rosto, os olhos muito pretos, brilhantes, um tanto inchados, mas muito vivos, um dos quais era um pouco vesgo. De porte muito ereto, ela abria bastante o peito farto. Ao sair para o corredor, com a cabeça um pouco inclinada para trás, fitou o carcereiro nos olhos e ficou parada, pronta para cumprir tudo o que dela exigissem. O carcereiro fez menção de trancar

logo a porta, quando lá de dentro surgiu o rosto pálido, severo, enrugado de uma velha grisalha e de cabeça descoberta. A velha pôs-se a falar algo com Máslova. Mas o carcereiro espremeu a cabeça da velha na porta e a cabeça sumiu. Dentro da cela, uma voz de mulher soltou uma gargalhada. Máslova também sorriu e virou-se para a janelinha gradeada, na porta. A velha, do outro lado, encostou-se à janelinha e falou com voz rouca:

— Acima de tudo, não fale demais, finque o pé numa coisa só e acabou.

— Uma só ou mais de uma, pior não vai ficar — respondeu Máslova, depois de balançar a cabeça.

— Todo mundo sabe que um não é dois — disse o carcereiro-chefe, com uma confiança autoritária na própria finura de espírito. — Atrás de mim, marche!

O olho da velha que se via na janelinha sumiu, enquanto Máslova saía para o meio do corredor e, a passos miúdos e rápidos, caminhava atrás do carcereiro-chefe. Desceram uma escada de pedras, passaram pelas celas masculinas, ainda mais fedorentas e ruidosas do que as femininas, das quais, através das janelinhas das portas, olhos os seguiram por toda parte, e entraram no escritório, onde dois soldados de escolta, com fuzis, já estavam a postos. O escrivão ali sentado entregou a um dos soldados um papel impregnado de fumaça de tabaco e, depois de apontar para a prisioneira, falou:

— Receba.

O soldado — um mujique de Níjni-Nóvgorod, de rosto vermelho, encovado, com marcas de varíola — colocou o papel debaixo da manga do capote militar e, sorrindo, piscou para o

companheiro, um tchuvache¹ de zigomas largos, apontando para a prisioneira. Os soldados desceram pela escada com a prisioneira e foram para a saída principal.

Na porta da saída principal, abriu-se uma cancela e, após cruzar a soleira da cancela rumo ao pátio, os soldados e a prisioneira foram para o lado de fora do muro e andaram pela cidade, no meio de ruas calçadas.

Cocheiros, lojistas, cozinheiros, operários, funcionários paravam e, com curiosidade, voltavam os olhos para a prisioneira; uns balançavam a cabeça e pensavam: “É nisso que dá portar-se mal, não fazer como nós”. As crianças olhavam com horror para a criminosa, só se mantinham calmas porque os soldados estavam ao seu lado e assim ela agora não fazia nada. Um mujique rústico, depois de ter vendido carvão e bebido muito chá numa taberna, aproximou-se dela, fez o sinal da cruz e deu-lhe um copeque. A prisioneira ruborizou-se, inclinou a cabeça e falou alguma coisa.

Sentindo os olhares voltados para ela, a prisioneira, discretamente, sem virar a cabeça, olhava de esguelha para os que a observavam e alegrava-se com aquela atenção. Alegrava-a também o ar primaveril, limpo, em comparação com o ar da prisão, mas era doloroso pisar nas pedras com os pés desacostumados a fazer caminhadas calçados com as canhestras botinas de presídio, e Máslova olhava para os próprios pés e tentava pisar o mais leve possível. Ao passar por uma venda de farinha, diante da qual ciscavam uns pombos sem que ninguém os enxotasse, a prisioneira por pouco não esbarrou na pata de um deles; o pombo alçou voo, sacudindo as asas, passou voando rente à orelha da prisioneira, envolvendo-a no seu vento. A prisioneira

sorriu e depois soltou um suspiro pesado, ao recordar sua situação.

¹ Natural da Tchuváchia, região da Rússia. [Todas as notas numeradas são do tradutor.]

II

A história da prisioneira Máslova era uma história muito comum. Máslova era filha de uma camponesa solteira, que morava com a mãe, uma vaqueira, numa aldeia nas terras de duas irmãs solteiras. Aquela mulher solteira dava à luz todos os anos e, como é comum acontecer nas aldeias, batizavam o bebê, mas depois a mãe não amamentava a criança, que surgira de maneira indesejável, era inútil e atrapalhava o trabalho, e o bebê logo morria de fome.

Assim morreram cinco crianças. Todas foram batizadas, depois não foram alimentadas e morreram. O sexto bebê, gerado por um cigano que estava de passagem, foi uma menina, e sua sorte teria sido a mesma se não ocorresse de uma das solteironas ter passado no estábulo para repreender a vaqueira porque a nata estava com cheiro de vaca. A parturiente estava deitada no estábulo, junto a um bebê lindo e saudável. A solteirona fez uma repreensão por causa da nata, e também por deixarem no estábulo uma mulher que acabara de dar à luz, e já fazia menção de sair quando, ao ver o bebê, tomou-se de ternura por ele e se ofereceu para ser sua madrinha. Batizou a menina e depois, com pena da afilhada, deu leite e dinheiro para a mãe, e a criança ficou viva. As solteironas, por isso, chamavam-na de “a salva”.

A criança tinha três anos quando a mãe ficou doente e morreu. Para a avó-vaqueira, a neta era um estorvo, e então as solteironas

levaram a menina para a sua casa. A menina de olhos pretos mostrou-se extraordinariamente vivaz e graciosa e as senhoritas idosas consolavam-se com ela.

As solteironas eram duas: a mais jovem, mais bondosa, era Sófia Ivánovna, a madrinha da menina, e a mais velha, mais severa, chamava-se Mária Ivánovna. Sófia Ivánovna cuidava das roupas da menina, ensinou-a a ler e queria fazer dela uma moça de boa educação. Mária Ivánovna dizia que era preciso fazer da menina uma trabalhadora braçal, uma boa criada de quarto, e por isso era exigente, castigava e até batia na menina quando estava de mau humor. Assim, entre as duas influências, a menina, quando cresceu, tornou-se em parte criada de quarto e em parte moça instruída. Chamavam-na de um modo também intermediário — não de Katka, nem de Kátienka, mas sim de Katiucha. Ela costurava, arrumava os quartos, limpava os ícones de gesso, fritava, moía, servia café, lavava pequenas peças de roupa e às vezes sentava-se com as solteironas e lia para elas.

Recebia propostas de casamento, mas não queria casar-se com ninguém, sentindo que a vida em companhia dos trabalhadores que lhe propunham casamento seria difícil para ela, mimada pelas doçuras da vida senhorial.

Assim viveu até os dezesseis anos. Depois que fez dezesseis anos, um sobrinho das duas senhoritas foi visitá-las, era estudante e príncipe rico, e Katiucha, sem coragem de confessá-lo a ele nem a si mesma, apaixonou-se pelo jovem. Dois anos depois, o mesmo sobrinho, a caminho da guerra, foi visitar as tias, ficou na casa delas durante quatro dias e na véspera da partida seduziu Katiucha, e depois de enfiar uma nota de cem rublos na

mão da moça, no último dia, foi embora. Cinco meses depois de sua partida, Katiucha teve a certeza de que estava grávida.

Daí em diante, tudo era enfadonho para ela, só pensava em como poderia se livrar da vergonha que a aguardava, e passou não só a trabalhar mal e de má vontade para as duas solteironas como também, sem que ela mesma entendesse como aquilo aconteceu, explodiu de repente. Gritou grosserias para as solteironas, do que se arrependeu mais tarde, e pediu para ser dispensada.

E as solteironas, muito desgostosas com ela, deixaram-na ir embora. De lá, foi trabalhar de arrumadeira na casa de um comissário de polícia rural, mas só pôde ficar três meses porque o comissário de polícia, um velho de cinquenta anos, começou a assediá-la e, certa vez em que ele estava especialmente afoito, ela se enfureceu, chamou-o de imbecil, de diabo velho, e empurrou-o no peito com tanta força que o velho caiu. Puseram-na para fora por sua brutalidade. Não valia a pena empregar-se, em pouco tempo teria de dar à luz, e instalou-se na casa de uma viúva parteira que vendia bebidas. O parto foi fácil. Mas a parteira, que na aldeia havia cuidado de uma mulher doente, contaminou Katiucha com a febre puerperal e a criança, um menino, foi levada para um asilo, onde, conforme lhe contou a velha que a acompanhava, morreu logo depois de chegar.

Todo o dinheiro que Katiucha possuía quando se instalou na casa da parteira somava cento e vinte e sete rublos: vinte e sete, ganhos com seu trabalho, e cem, dados pelo seu sedutor. Quando deixou a casa da parteira, restavam-lhe ao todo seis rublos. Ela não sabia guardar dinheiro, gastava com suas coisas e também dava dinheiro a qualquer um que lhe pedisse. A parteira tomou-

lhe, por seus serviços — pela comida e pelo chá —, ao longo de dois meses, quarenta rublos, outros vinte e cinco rublos foram para o enterro da criança, a parteira pediu emprestados mais quarenta rublos para comprar uma vaca, uns vinte rublos foram gastos à toa — em vestidos, em presentes, e assim, quando Katiucha recobrou a saúde, não tinha mais dinheiro, e era preciso procurar um lugar para morar. Apareceu uma vaga na casa de um guarda-florestal. O guarda-florestal era casado, mas, a exemplo do comissário de polícia, desde o primeiro dia começou a assediar Katiucha. O homem lhe dava nojo e Katiucha tentava livrar-se dele. Mas o guarda-florestal era mais experiente e mais astuto do que ela, e acima de tudo era o patrão, podia mandá-la para onde quisesse, aguardou o momento certo e possuiu-a. A esposa soube e, ao surpreender o marido um dia no quarto de Katiucha, atirou-se sobre ela aos murros. Katiucha reagiu, armou-se uma briga, do que resultou a sua expulsão da casa, sem receber o pagamento. Então Katiucha foi para a cidade e lá se hospedou na casa de uma tia. O marido da tia era encadernador, antes vivia bem, mas agora estava perdendo todos os clientes e dera para beber, gastava na bebida tudo o que lhe caía nas mãos.

A tia era dona de uma pequena lavanderia e com isso alimentava os filhos e sustentava o marido arruinado. A tia propôs a Máslova trabalhar com ela na lavanderia. Mas, ao ver a vida dura das lavadeiras que moravam na lavanderia da tia, Máslova relutou e foi procurar um emprego de criada numa agência de empregos. Apareceu uma vaga na casa de uma senhora que vivia com dois filhos, alunos do liceu. Uma semana depois de começar a trabalhar, o mais velho, um bigodudo da

sexta série do liceu, parou de estudar e não deu mais sossego a Máslova, a quem assediava. A mãe pôs a culpa de tudo em Máslova e a demitiu. Não apareceu outro emprego, mas aconteceu que, ao ir à agência para se oferecer como criada, Máslova encontrou lá uma senhora com anéis e pulseiras nos braços nus e roliços. Essa senhora, após inteirar-se da situação de Máslova, que andava atrás de emprego, deu-lhe o seu endereço e convidou-a para ir visitá-la. Máslova foi à sua casa. A senhora recebeu-a com carinho, serviu pastéis e vinho doce e mandou sua criada levar um bilhete a algum lugar. Ao entardecer, entrou na sala um homem alto, de cabelos compridos, que estavam ficando grisalhos, e de barba já grisalha; esse velho prontamente se sentou perto de Máslova e, com os olhos cintilantes e sorrindo, pôs-se a examiná-la e a gracejar com ela. A anfitriã chamou-o para ir a um outro cômodo e Máslova ouviu como a senhora dizia: “Fresquinha, uma camponesinha”. Em seguida, a senhora chamou Máslova e disse que aquele homem era um escritor, tinha muito dinheiro e nada pouparia se ela lhe agradasse. Máslova lhe agradou e o escritor deu-lhe vinte e cinco rublos e propôs que se mudasse para um apartamento particular.

Enquanto morava no apartamento, alugado pelo escritor, Máslova apaixonou-se por um vendedor divertido que morava no mesmo quarteirão. Ela mesma confessou ao escritor e mudou-se para um apartamento pequeno. O tal vendedor, depois de prometer casar-se, partiu para Níjni sem nada dizer a ela, abandonou-a, era óbvio, e Máslova se viu sozinha. Gostaria de morar sozinha no apartamento, mas não lhe permitiram. O chefe do posto policial disse-lhe que ela só poderia viver assim se

obtivesse o bilhete amarelo² e fosse submetida ao exame médico de praxe. Com isso, voltou para a casa da tia. Ao vê-la com um vestido da moda, e também de capa e chapéu, a tia recebeu-a com respeito e já não ousou propor que fosse trabalhar na lavanderia, achando que agora ela havia galgado um patamar na vida. Agora, para Máslova, já nem se cogitava da questão de trabalhar ou não na lavanderia. Agora, ela olhava consternada para a vida de trabalhos forçados que, nos cômodos da frente, levavam as lavadeiras pálidas, de braços magros, algumas já tuberculosas, que limpavam e passavam a ferro no meio do vapor, a uma temperatura de trinta graus, com as janelas abertas no verão e no inverno, e se horrorizou com a ideia de que poderia estar empregada naqueles trabalhos forçados.

Aconteceu que justamente nessa ocasião, tão funesta para Máslova, pois não lhe aparecia nenhum protetor, ela foi procurada por uma agente que fornecia moças para casas de tolerância.

Máslova fumava já havia muito tempo, mas, durante o final do seu caso com o vendedor e depois disso, quando ele a abandonou, acostumou-se a beber cada vez mais. A bebida a atraía não só porque lhe parecia gostoso beber, atraía-a sobretudo porque lhe dava a possibilidade de esquecer todas as agruras por que havia passado e lhe dava um desembaraço e uma confiança na sua dignidade que ela não conseguiria sentir sem a bebida. Sem a bebida, era sempre o tédio e a vergonha.

A agente serviu comes e bebes para a tia e, depois de embriagar Máslova, propôs que fosse trabalhar num bom, no melhor estabelecimento da cidade, expôs a ela todas as vantagens e os

benefícios daquele emprego. Uma escolha se apresentou diante de Máslova: uma condição humilhante de criada, em que seguramente haveria assédio da parte dos homens, e adultérios secretos e temporários, ou uma condição abastada, tranquila, legalizada, e um adultério explícito, aprovado pelas leis, constante e bem remunerado, e Máslova escolheu este último. Além do mais, por meio disso, pensou vingar-se também do seu sedutor, do vendedor e de toda a gente que lhe fizera mal. Também a seduziu, e era esta uma das causas da sua decisão definitiva, o fato de a agente ter dito que ela poderia encomendar todos os vestidos que desejasse — de veludo, de *faille*, de seda, de baile, com os braços e os ombros descobertos. E quando Máslova imaginou-se num vestido amarelo brilhante de seda, com acabamentos de veludo preto e decotado, não conseguiu resistir e entregou sua caderneta de identidade. Nessa mesma noite, a agente veio num coche de aluguel e levou-a para a famosa casa de Kitáieva.

A partir de então, teve início para Máslova aquela vida de crime crônico contra os preceitos divinos e humanos, a vida que levam centenas e centenas de milhares de mulheres, não só com autorização, mas sob a proteção do poder governamental, preocupado com o bem-estar de seus cidadãos, e que, para nove entre dez mulheres, termina com enfermidades torturantes, decrepitude e morte precoces.

Durante a manhã e o dia, um sono pesado após a orgia da noite. Lá para as três ou quatro horas, um despertar cansado numa cama imunda, água mineral gasosa por causa da bebedeira, café, voltas preguiçosas pelo interior dos quartos, de penhoar, de blusa,

de chambre, umas espiadas através da janela por trás da cortina, discussões indolentes entre elas mesmas; depois, lavar-se, besuntar-se, perfumar o corpo, os cabelos, provar os vestidos, discutir com a patroa por causa dos vestidos, examinar-se no espelho, pintar o rosto, as sobrancelhas, comer coisas açucaradas e gordurosas; depois, um vestido de seda brilhante que desnuda o corpo; depois, a entrada num salão enfeitado, iluminado com brilho, a chegada dos visitantes, a música, as danças, os bombons, a bebida, o fumo e o adultério com jovens, com homens de meia-idade, com quase crianças e com velhos desmoronados, com solteiros, casados, comerciantes, vendedores, armênios, judeus, tártaros, ricos, pobres, sadios, doentes, bêbados, sóbrios, brutos, carinhosos, militares, civis, estudantes, alunos do liceu — de todas as classes, idades e temperamentos possíveis. E os gritos e os gracejos, e as brigas e a música, e o tabaco e a bebida, e a bebida e o tabaco, e a música desde o anoitecer até o raiar do dia. E só pela manhã a libertação e um sono pesado. E assim todos os dias, a semana inteira. No fim da semana, o comparecimento a uma repartição pública, uma delegacia onde se encontravam funcionários a serviço do Estado, os médicos, homens que, às vezes de modo grave e austero, outras vezes com alegria jocosa que aniquilava a vergonha, dada pela natureza não só às pessoas, mas também aos animais, como proteção contra o crime, examinavam aquelas mulheres e lhes davam uma licença para a continuação do mesmo crime que haviam praticado com seus cúmplices no decorrer da semana. E de novo mais uma semana como a anterior. E assim eram todos os dias, no verão e no inverno, nos dias úteis e nos feriados.

Assim Máslova viveu sete anos. Durante esse tempo, mudou de casa duas vezes e ficou no hospital uma vez. No sétimo ano de sua permanência na casa de tolerância e no oitavo ano após a primeira queda, quando ela estava com vinte e seis anos, aconteceu-lhe aquilo por que a puseram na prisão e por que agora a levavam para o tribunal, depois de seis meses de permanência na cadeia, em companhia de assassinos e ladrões.

2 Documento que as autoridades forneciam às prostitutas.

III

Na hora em que Máslova, exausta da longa caminhada, se aproximava do prédio do tribunal da circunscrição com a sua escolta, aquele mesmo sobrinho de suas educadoras, o príncipe Dmíttri Ivánovitch Nekhliúdob, que a havia seduzido, ainda estava deitado na sua cama alta, de molas e de colchão de penas, com os lençóis amarfanhados, e depois de abrir o colarinho do paletó do pijama, limpo e feito de tecido holandês, com pregas no peito bem marcadas com ferro de passar, fumou um cigarro. Olhava para a frente com os olhos parados e pensava no que teria de fazer naquele dia e no que acontecera no dia anterior.

Ao lembrar a noite da véspera, que passara na casa dos Kortcháguin, gente rica e bem conhecida, cuja filha todos supunham que fosse casar com ele, Nekhliúdob suspirou e, após jogar fora o cigarro que terminara de fumar, quis pegar outro cigarro numa cigareira de prata, mas mudou de ideia e, depois de baixar da cama as pernas brancas e lisas, achou com os pés os chinelos, cobriu os ombros fartos com um roupão de seda e, a passos rápidos e pesados, caminhou para um banheiro anexo ao quarto de dormir, todo impregnado com o cheiro artificial de elixires, águas-de-colônia, fixadores, perfumes. Lá, com a ajuda de um pó especial, limpou bem os dentes, obturados com chumbo em vários pontos, enxaguou-os com um gargarejo aromático, em seguida passou a lavar-se de todos os lados e enxugou-se com

diversas toalhas. Depois de lavar as mãos com um sabonete perfumado, limpar cuidadosamente com escovas as unhas crescidas e banhar o rosto e o pescoço grosso num grande lavatório de mármore, seguiu para um terceiro cômodo, anexo ao quarto de dormir, onde uma ducha estava preparada. Após banhar ali, com água fria, o corpo branco, musculoso e revestido de gordura, e enxugar-se com uma toalha felpuda, vestiu uma roupa de baixo limpa e bem passada, botinas lustrosas como um espelho e sentou-se diante de um toucador para pentear com duas escovas a barba curta, preta, frisada e os cabelos crespos que começavam a rarear na parte da frente.

Todos os objetos que ele utilizava — as peças de toalete: as roupas íntimas, as roupas em geral, os calçados, as gravatas, os alfinetes, as abotoaduras — eram de primeira qualidade, do tipo mais caro, discretos, simples, duradouros e valiosos.

Após escolher, entre dezenas de gravatas e broches, os que primeiro lhe caíram na mão — antes, isso era uma novidade e uma diversão, agora, não fazia a menor diferença —, Nekhliúdob vestiu-se com uma roupa escovada e já pronta, que haviam deixado sobre uma cadeira, e saiu, embora não inteiramente fresco, mas limpo e perfumado, em direção a uma comprida sala de estar, com o assoalho encerado na véspera por três mujiques, um imenso bufê de carvalho, uma grande mesa extensível, também de carvalho, e que tinha algo de solene com seus pés muito afastados e esculpidos em forma de pata de leão. Sobre essa mesa, coberta por uma fina toalha engomada, com grandes monogramas, havia uma cafeteira de prata com um café aromático, um açucareiro também de prata, uma cremeira com

nata fervida e uma cesta com um pão fresco, torradinhas e biscoitos. Junto aos talheres, estavam as cartas recebidas, os jornais e o último número da *Revue des Deux Mondes*. Nekhliúdob fez menção de pegar as cartas quando, através da porta que dava para o corredor, surgiu uma mulher gorda e de certa idade, em trajes de luto, com uma touca de renda na cabeça, que escondia a risca muito aberta dos seus cabelos. Era Agrafiena Petrovna, a criada da falecida mãe de Nekhliúdob, morta pouco tempo antes naquela mesma residência, e que agora servia o filho na função de governanta.

Agrafiena Petrovna vivera no exterior dez anos ao todo, em ocasiões diversas, na companhia da mãe de Nekhliúdob, e tinha aspecto e maneiras de uma dama. Morava na casa dos Nekhliúdob desde a infância e conhecia Dmítri Ivánovitch ainda como Mítienka.

— Bom dia, Dmítri Ivánovitch.

— Bom dia, Agrafiena Petrovna. O que há de novo? — perguntou Nekhliúdob em tom jocoso.

— Uma carta, não sei se da princesa ou da filha da princesa. A criada trouxe faz tempo, ela está esperando no meu quarto — respondeu.

Agrafiena Petrovna entregou a carta, sorrindo de maneira significativa.

— Está bem, já vou falar com ela — disse Nekhliúdob depois de pegar a carta e, ao notar o sorriso de Agrafiena Petrovna, franziu as sobrancelhas.

O sorriso de Agrafiena Petrovna significava que a carta era da jovem princesa Kortcháguina, com a qual, na opinião de

Agrafiena Petrovna, Nekhliúдов haveria de casar em breve. E tal suposição, expressa pelo sorriso de Agrafiena Petrovna, desagradava a Nekhliúдов.

— Então vou mandar que ela espere — e Agrafiena Petrovna, depois de pegar uma escovinha de varrer a mesa que haviam deixado fora do lugar e pô-la no lugar certo, esgueirou-se para fora da sala de jantar.

Nekhliúдов rompeu o selo da carta perfumada que Agrafiena Petrovna lhe havia entregado e começou a ler.

“Cumprindo a obrigação que me impus de ser a memória do senhor”, estava escrito numa folha de papel grosso e cinzento, com margens desiguais e numa caligrafia pontiaguda, mas esparramada, “venho lembrar-lhe que hoje, 28 de abril, o senhor precisa comparecer ao tribunal para fazer parte do júri, e por isso não poderá de maneira alguma ir comigo e Kólossov ver a exposição de quadros, como ontem prometeu, com a sua leviandade peculiar; *à moins que vous ne soyez disposé à payer à la cour d’assises les 300 rubles d’amende, que vous vous refusez pour votre cheval,*³ por não comparecer no horário marcado. Lembrei-me disso ontem, logo depois que o senhor saiu. Portanto, agora não esqueça.

“Princesa M. Kortcháguina.”

No outro lado, foi acrescentado:

“*Maman vous fait dire que votre couvert vous attendra jusqu’à la nuit. Venez absolument à quelle heure que cela soit.*⁴

“M. K.”

Nekhliúдов franziu um pouco a testa. O bilhete era a continuação do hábil trabalho que, já havia dois meses, a jovem

princesa Kortcháguina executava em torno dele e que consistia em amarrá-lo a ela, cada vez mais, por meio de fios imperceptíveis. Entretanto, além da habitual indecisão diante do matrimônio que se verifica em pessoas que já não estão na primeira juventude e não se sentem muito apaixonadas, havia no caso de Nekhliúdob um motivo ainda mais importante, pelo qual, mesmo que ele se resolvesse, não poderia fazer agora o pedido de casamento. O motivo não se prendia ao fato de ele, dez anos antes, ter seduzido e abandonado Katiucha, isso já estava completamente esquecido, e Nekhliúdob não o considerava um empecilho para o seu casamento; o motivo era que, nessa mesma ocasião, ele mantinha com uma senhora casada um relacionamento íntimo, o qual, embora já rompido por ele, ainda não fora aceito por ela como encerrado.

Nekhliúdob era muito tímido com mulheres, porém foi justamente a timidez que provocou naquela mulher casada o desejo de conquistá-lo. A mulher era esposa do decano da nobreza da comarca onde Nekhliúdob votava. A tal mulher o atraía para um relacionamento que a cada dia se tornava mais cativante para ele e, ao mesmo tempo, cada vez mais repulsivo. De início, Nekhliúdob não conseguiu resistir à sedução, depois, sentindo-se culpado perante ela, não conseguia romper de todo aquele relacionamento sem a concordância da mulher. Eis aí o motivo por que Nekhliúdob não se considerava no direito de propor casamento a Kortcháguina, mesmo se o quisesse.

Sobre a mesa, estava justamente uma carta do marido daquela mulher. Ao reconhecer a caligrafia e o carimbo, Nekhliúdob ruborizou-se, e de pronto sentiu aquela onda de energia que

sempre experimentava em face da aproximação de um perigo. Mas aquela comoção era vã: o marido, decano da nobreza da mesma comarca onde ficavam as principais propriedades de Nekhliúdob, comunicava-lhe que estava marcada para o fim de maio uma reunião extraordinária do *ziemstvo*,⁵ e pedia que Nekhliúdob viesse sem falta para “*donner un coup d’épaule*”⁶ às importantes questões que seriam apresentadas na reunião do *ziemstvo* sobre as escolas e as estradas vicinais, às quais se esperava uma forte oposição do partido reacionário.

O decano da nobreza era um homem liberal e, com alguns simpatizantes, batia-se contra a reação desencadeada no tempo de Alexandre III, vivia de todo absorvido por essa luta e nada sabia sobre sua vida conjugal infeliz.

Nekhliúdob lembrou-se de todos os momentos torturantes que passara com aquele homem: lembrou que certa vez chegou a pensar que o marido sabia e se preparava para um duelo, em que Nekhliúdob tinha a intenção de disparar para o ar, e lembrou a cena terrível em que a mulher correu desesperada para o jardim, na direção do tanque, com o intuito de afogar-se, e ele foi atrás dela. “Não posso viajar agora, e não posso tomar nenhuma atitude enquanto ela não me der uma resposta”, refletiu Nekhliúdob. Uma semana antes, escrevera para a mulher uma carta definitiva, na qual se reconhecia culpado e disposto a qualquer tipo de expiação por sua culpa; no entanto, para o bem dela, considerava encerrado para sempre o relacionamento entre os dois. Era a resposta a essa carta que ele esperava e não recebia. O fato de não haver resposta era, em parte, um bom sinal. Caso ela não concordasse com o rompimento, teria escrito havia muito

tempo, ou teria até ido em pessoa, como já fizera antes. Nekhliúdob ouvira dizer que agora um certo oficial lhe fazia a corte, e isso o atormentava por causa do ciúme, mas ao mesmo tempo o alegrava com a esperança de uma libertação da falsidade que o afligia.

A outra carta era do administrador-geral de suas propriedades. O administrador informava que Nekhliúdob precisava ir até lá sem falta, para ratificar seus direitos à herança e, além disso, resolver como continuariam a administrar as propriedades: se fariam como no tempo da falecida ou se, conforme ele desde antes sugeria à falecida princesa, e agora sugeria também ao jovem príncipe, aumentariam o gado e cultivariam eles mesmos toda a terra que hoje se achava repartida entre os camponeses. O administrador escrevia que essa forma de empreendimento seria imensamente mais lucrativa. Além disso, pedia desculpas por ter atrasado um pouco o envio dos três mil rublos combinados para o primeiro dia do mês. O dinheiro seria enviado no correio seguinte. Ele atrasou a remessa porque não conseguia, de maneira alguma, cobrar dos camponeses, cuja falta de consciência chegara a tal ponto que foi preciso convocar as autoridades para obrigá-los a pagar. Essa carta foi agradável e desagradável para Nekhliúdob. Foi agradável sentir o seu poder sobre uma vasta propriedade, e foi desagradável porque, nos primórdios da sua juventude, ele fora um entusiasmado adepto das ideias de Herbert Spencer e, uma vez que ele mesmo era um grande senhor de terras, impressionou-o sobretudo a tese defendida na obra *Estática social*, segundo a qual a justiça não admite a propriedade privada da terra. Com a sinceridade e a